

RONALD DE CARVALHO

E

ELYSIO DE CARVALHO

---

# AFFIRMAÇÕES

UM AGAPE DE INTELLECTUAES



1921

S. A. MONITOR MERCANTIL

96, PRIMEIRO DE MARÇO, 96

---

RIO DE JANEIRO

**O MUNDO  
DO LIVRO**

11-L da Trindade-13  
Telef. 36 99 51  
Lisboa

A Exmo. Sr. D. J. de Barros, Visconde,  
com a homenagem de  
leitura do livro

Rio de Janeiro, 29.VIII.04

---

(Flamengo, 390)



# AFFIRMAÇÕES



RONALD DE CARVALHO

E

ELYSIO DE CARVALHO

---

# AFFIRMAÇÕES

UM AGAPE DE INTELLECTUAES



1921

S. A. MONITOR MERCANTIL  
96, PRIMEIRO DE MARÇO. 96

---

RIO DE JANEIRO



PARIS, 12 de Agosto de 1921.

Meu affectuoso pensamento com Elysio de Carvalho, brilhante paladino da cultura brasileira, que se communica pela cultura francêsa com o Universo intelligente.

GRAÇA ARANHA.



**O PATRIOTISMO E O NACIONALISMO  
NUM AGAPE DE INTELLECTUAES**



Em volta do Sr. Elysio de Carvalho e com o justo pretexto de uma homenagem de apreço pela elevada oração com que saudara a cultura latina, representada no Sr. Paul Fort, por ocasião do banquete que ao eminente poeta de França foi oferecido no Palace-Hotel — reuniram-se, sabbado ultimo, no Restaurante Assyrio, numerosos homens de letras. A' mesa do almoço sentaram-se diplomatas, politicos e escriptores. O Sr. Embaixador da França tinha á sua esquerda o Sr. Procurador Geral da Republica e á direita o Sr. Ministro do Perú. O illustre academico Sr. Alberto de Oliveira sentou á sua direita o homenageado e á esquerda o Sr. Ministro da Noruega. O Sr. General Gamelin, o Sr. Ministro da Tcheco-Slovaquia, os Srs. Encarregado de Negocios e Secretario da Polonia associaram-se a essa manifestação, cujo programma fôra circumscripto ao circulo da camaradagem litteraria. A diplomacia quiz gentilmente dar o braço ás letras. O comparecimento dos diplomatas naquelle almoço de escriptores e jornalistas não lhe comprometteu a cordialidade, imprimindo-lhe, embora, um tom mais solemne.

O agape que convocara os amigos intellectuaes do Sr. Elysio de Carvalho para o sumptuoso e sombrio *bar* do Theatro Municipal daria apenas thema a uma noticia affectuosa em outra secção desta *Revista*, se os discursos que nelle se preferiram não ampliasssem imprevisamente a festa de confraternização, convertendo a mesa do banquete numa tribuna e projectando para o dominio da orientação social e politica essas orações salutaes.

Fôra escolhido para saudar o homenageado

o Sr. Ronald de Carvalho, que é uma das mais aristocraticas sensibilidades da poesia nacional e um dos espiritos que mais superiormente representam na sua geração a cultura e a sagacidade analytica da intelligência brasileira. Desta figura insigne de artista pensador, exemplarmente dotada para a realza do prestigio, devia esperar-se que á belleza verbal da sua oração não faltasse a estrutura interior e solida das idéas; mas ninguém podia prever que, quebrando os moldes convencionaes de um discurso congratulatorio, o poeta da *Luz Gloriosa* puzesse em relevo o caracter tradicionalista da obra literaria do Sr. Elyσιο de Carvalho para dar ao nacionalismo a interpretação nobilitante e unica concorde com a categoria a que o Brasil se elevou entre os povos pelos pergaminhos da sua progenie, a sua estirpe historica, as glórias dos seus annaes militares, a extensão da sua cultura, a elevação das suas leis, o rythmo majestoso a que obedeceu a sua evolução politica.

O Brasil não é o unico paiz em que irrompeu o néo-nacionalismo, mas é, com certeza, o unico em que essa modalidade confusa e desconcertante do patriotismo se apresentou divorciada das tradições, procurando substituir a concepção geographica á concepção ethnica, desviando do Homem para a Terra, do Povo para o Territorio, o factor primordial das Patrias, originando o absurdo de admittir que a Nação Brasileira não é um empreendimento humano, de caracter sociologico, mas um phenomeno essencialmente da Natureza.

Antes que alguns intellectuaes da Franca tivessem improvisado um movimento de reacção contra o radicalismo socialista, resuscitando os preconceitos de religião e de casta na luta contra a influencia dos israelitas e erguendo o pendão catholico e tradicionalista a meio das paixões desencadeadas pelo processo de Dreyfus, o *nacionalismo* significava distinctamente a aspiração militante de povos que haviam perdido a soberania politica e diligenciavam recobral-a, restauran-

do as suas nações. Havia o *nacionalismo* irlandez, o *nacionalismo* polaco, o *nacionalismo* tcheco, os *nacionalismos* egypcio e hindú.

Desconhecia-se o *nacionalismo* como politica combativa, entre os povos de soberania incontestada, que eram donos de nações juridicamente estabelecidas e solidamente fundadas. A guerra, agravando em formidaveis proporções o choque entre as reivindicações proletarias e as tradições conservadoras, motivou o recrudescimento das lutas de classe, reviveu conflictos de ha muito apasiguados pela civilização universalista da edade contemporanea, e a bandeira do *nacionalismo* francez foi arvorada entre outros paizes, na Italia, no Brasil e em Portugal, como signo de programmas e sentimentos os mais diversos e até mesmo contradictorios. Ao passo que na Italia o *nacionalismo* incorporava as aspirações expansionistas do irredentismo e se organizava como a guarda-pretoriana do conservantismo monarchico contra os tentamens dissolventes do bolshevismo, em Portugal se gerava um *nacionalismo* exclusivamente cerebral e esthetico, com o objectivo de contrariar pelo culto do passado e pela fé nas qualidades originaes da raça a irracionalidade demagogica e iconoclasta do jacobinismo.

O *nacionalismo* brasileiro foi nas suas nobres origens intellectuaes um movimento de salutar revigoroamento da consciencia civica pelo appello ao cumprimento dos deveres patrioticos, coincidindo com a propaganda do serviço militar obrigatorio.

E' nesse *nacionalismo* que o Sr. Ronald de Carvalho integra o culto tradicionalista do Sr. Elysio de Carvalho, saudando-o nestas bellas palavras:

“Cedo vislumbastes, por entre as sombras em que pretendiam envolver os brilhos do nosso passado, a riqueza do seu patrimonio. Soubestes ver que não eramos simplesmente um deposito de ouro e pedrarias, entregues á cupidez dos aventureiros de toda procedencia. Mostrastes, com infatigavel tenacidade e copiosa erudição, que o Bra-

sil não foi o producto de caldeamentos bastardos, que não foi a escoria dos degredados, a ralé dos criminosos, os restos das penitenciarias de além-mar que operaram o prodigio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Affirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistente de uma aristocracia. Fizestes reluzir ao sol dos nossos tropicos os braços, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nobre que assentou os alicerces da nossa patria. Não considerastes os bandeirantes simples ambiciosos, levados pela miragem da pecunia, attentos sómente aos gyros fabulosos da fortuna. Appreciastes nelles a energia latente de uma raça varonil. Não enxergastes nelles meros salteadores, escondidos nas lapas e nos boqueirões do sertão, promptos a trucidar o gentio incauto. Vistes nelles a primeira palpitação, o milagre inical de um grande povo que surgia...

Fostes, assim, um nacionalista, *a priori*. Não ignoraes, Sr. Elysio de Carvalho, os cuidados com que devemos enfrentar esta palavra nos tempos correntes. Se por outras, muito mais explicitas, os homens se matam, segundo o prudente aviso de Taine, *figurae*, agora, o perigo que estamos correndo na trilha especiosa desta. Vosso nacionalismo, Sr. Elysio de Carvalho, é discreto, cordial. não exclue a polidez, o bom senso, as finas maneiras, acceita tudo quanto existe de bello sobre o mundo. Quando o respeitam, elle mostra o feitiço de todas as graças. Quando o aggridem, já nada mais de bello procura neste mundo senão a defesa acirrada, cega, violenta de todos os preconceitos humanos que encerra o seu divino orgulho. Vosso nacionalismo é o nome moderno de um sentimento cheio de antiguidade. E' apeas o patriotismo.

Sei que as vossas preferencias são pelo velho nome de baptismo, por esse milagroso nome que inflammou o coração dos nossos heróes, desde os Guararapes até Riachuelo. Sois um patriota, Sr. Elysio de Carvalho. Amaes as nossas tradições. tendes feito dellas o fundamento da vossa activi-

dade intellectual. Fostes buscar os perfis obscuros dos nossos guerreiros na promiscuidade dos campos de batalha; revelastes a alma dos nossos diplomatas illuminada, no emmaranhado das lutas politicas, pelo sentimento liberal da nossa raça; traçastes a physionomia dos nossos aristocratas e senhores fidalgos com a carinhosa attenção de um miniaturista exímio; fizestes reviver as justas, os jogos festivos, os torneios rumorosos, com que os Albuquerque, os Mello e os Cavalcanti costumavam distrahir uma sociedade já requintada, nos tempos alongados da nossa formação; escrevestes a chronica da familia brasileira com sabedoria e finura. Quereis a vossa patria respeitada, dentro das suas tradições. Sois um devotado defensor da nossa formosa lingua portugueza, da cultura greco-latina que está, mercê de Deus, no berço da nossa nacionalidade. Indicastes que, aos brasileiros, cabe apenas enriquecer, com as vozes virginaes da terra, com a multipla seducção das paizagens tropicaes, a herança recebida dos maiores.

Vosso patriotismo, como o dos nossos avós, não conhece odios de raça. A patria, meus senhores, quando se chama Brasil, é um grande lar. Nascemos hospitaleiros, francos e dadivosos como a Natureza que nos rodeia. Somos os filhos verdadeiros da terra americana. Uma raça que, atravez os seculos, conseguiu fixar as linhas de uma nação como o Brasil, varando milhões de kilometros quadrados, vivendo isolada, pelos costumes e pelo idioma, entre tantas de origem diversa da sua, uma raça como a brasileira não pôde conhecer o travor dos odios e das competições internacionaes. Tenhamos fé na energia que o destino nos concedeu. . . ”

O Sr. Elycio de Carvalho acceitou o elogio no terreno doutrinario em que o collocara o seu illustre apologista. Desviando da sua distincta personalidade para a esphera elevada das idéas a resposta devida á saudação sensacional que o auditorio cobrira de applausos calorosos, o seu discurso representa a glorificação do nacionalismo

tradicionalista de BILAC e restaura na sua belleza, nos seus cavalheirescos e generosos intuitos, a doutrina que o poeta immortal pregou, como um missionario do civismo, nas universidades e nos quartéis.

Filiando a directriz das suas predilecções de historiador, sociologo e economista na fé que desde a juventude madrugara na sua consciencia sobre os grandes e inevitaveis destinos do Brasil, e na orgulhosa confiança nos valores historicos, sociaes e moraes da nossa raça, o Sr. Elyσιο de Carvalho proclama que é *"este momento talvez o mais grave de toda a nossa existencia autonoma, tanto pela complexidade dos problemas cuja soluçõ estã posta, como principalmente porque o Brasil se acha no instante em qu' è preciso fixar-lhe definitivamente a orientaçaõ historica para regu-larmos a nossa vida sem perigo de vacillações no caminho"*.

Temos para nós, como o Sr. Elyσιο de Carvalho, que a exacerbação do sentimento patriotico é um phenomeno moral de vitalidade, que nos garante o *contrõle* e o ascendente sobre o *pathos* ethnico que forçosamente originariam as correntes immigratorias heterogeneas, se não encontrassem o povo brasileiro na plena posse de uma consciencia nacional, definida, norteadã por grandes e altivos ideaes. Esse sentimento patriotico, accordado quasi nos alvores da nacionalidade, não pôde, porém, ser corrompido em um nacionalismo da escola de Francia, isolador e aggressivo. O Brasil enfrentou, ha mais de meio seculo, na maior guerra do Imperio, uma nação pervertida pelo mesmo nativismo com que se procura baldamente inquinãr as fontes puras e cristallinas do patriotismo brasileiro.

Bazão tem o Sr. Elyσιο de Carvalho ao advertir quanto è urgente dar à doutrina nacionalista o sentido politico e social que se ajuste aos sagrados interesses da Patriã. *"E' a noss historia* proclamou o orador na sua eloquente oraçaõ —

que nos ha de, como um pharol no roteiro do tempo, illuminar os horizontes e marcar o rumo do destino. E' bastante que sintamos o nosso passado, as nossas origens, o que tem de particular, de propriamente nosso a nossa vida, a nossa raça, a nossa indole. Somos descendentes de um povo de guerreiros, de santos, de heróes e de poetas. Não obstante a insistencia com que certa gente, esquecida de que nos injuria, põe nas origens da sociedade brasileira o falso estigma de que ella se formou de criminosos, degredados e mulheres perdidas, a nossa ascendencia é nobre, preclara e illustre. E' mercê desta filiação historica que somos hoje o Brasil e, portanto, podemos conservar unido, indissolúvel, coheso e forte o grande imperio territorial que somos, e do qual havemos de fazer um dos maiores Estados politicos do mundo"

Esse passado evidentemente não nos escravisa á tradição. "O Brasil não é apenas uma descendencia portugueza, mas uma nação nova saída de velha estirpe", com novos ideaes, novos destinos, outras e diversas modalidades. Isso não exclue a necessidade de estarmos vigilantes "contra tudo que vier enfraquecer o espirito territorial, que se enraizou sociologicamente numa historia de mais de tres seculos, e deslustrar as nossas origens ethnicas".

"De mim, direi — concluiu o Sr. Elyσιο de Carvalho, — que me sinto cada vez mais feliz em ser brasileiro e que um dos mais fortes motivos do meu orgulho é esta constancia, sem vacillações e sem alardes, que puz na defesa das tradições desta patria que o passado nos legou com o sacrificio dos seus heróes, o pensamento dos seus genios e o esplendor vibrante das suas glorias, e cujo maior encanto estaria em ser uma nação americana possuindo, com os attributos originaes, todas as claridades mentaes da latinidade".

(Revista da Semana, 20 de Agosto de 1921).

CARLOS MALHEIRO DIAS.



**DISCURSO  
DE  
RONALD DE CARVALHO**



Senhor Elyσιο de Carvalho:

Entre as bôas e varias razões que concorrem ha muito, para justificar a cordeal homenagem que, hoje, vos prestamos, não é das menores a que nos offereceste, ultimamente, saudando, no Sr. Paul Fort, o pensamento francez. A formosura da vossa oração só espantaria, porém, aos que vos não conhecessem. Nós a esperavamos. Nós a applaudimos sem surpresa. Deu-nos ella, todavia, ensejo de, violentando os pudores da vossa modestia, expressar-vos o quanto presamos a vossa individualidade, a estima em que temos o vosso espirito e o vosso caracter. Que a vossa discreção nos perdoe o agravo dos louvores. Deveis ponderar, entre vós, que o muito admirar é fruto do muito merecer. Tendes, pois, o que mereceste.

Senhor Elyσιο de Carvalho.

Viestes de uma geração de homens desencantados, em que o talento era uma frivolosi-

dade elegante, em que o tumulto das paixões governava a intelligencia. No espolio contradictorio, herdado por ella, as vozes optimistas foram certamente as menos ouvidas. Entre o exaggero amavel dos romanticos e o pessimismo apressado dos doutores do Recife, não soube ella escolher a justa medida. Preferiu a novidade scientifica, e riu-se da ingenua apologia dos nossos antepassados. Estes punham sobre a natural mesquinhez da nossa recente civilização uma lente poderosa, com que augmentavam desmesuradamente o valor das cousas. Querendo mostrar a excellencia do paiz, elevaram as nosas virtudes a uma altura desconforme, fazendo dos defeitos qualidades, tirando dos erros motivo de orgulho e ufania. Tal excesso, entretanto, era justificavel. Os descabidos gabos, de então, estavam na razão directa da grandeza sem par da nova patria que nascia. Sentindo-se, de improviso, senhores de uma das maiores e mais cobiçadas regiões do planeta, os brasileiros creados entre as recordações ainda vivas da Independencia tiveram necessidade de erguer o homem ao nivel do paiz, afim de que um fosse digno da magestade do outro. Commetteram, assim, os romanticos um grave erro de multiplicação.

Reagindo contra a emphase e a rhetorica dos Pereira da Silva, dos Joaquim Norberto e

dos Fernaudes Pinheiro, a escola de Recife cahiu no exaggero opposto. Muito lhe devemos, sem duvida, mas, no balanço dos seus beneficios, ha um largo saldo de travor e amargura cujos resultados ainda sentimos. Ao contrario dos seus predecessores, os mestres da sciencia nova olharan o Brasil através a objectiva de um microscopio. Commetteram, pois, um verdadeiro erro de subtracção. Sem a ingenuidade dos primeiros nem a cultura dos ultimos, os escriptores que surgiram comvoso, principiam a distillar o veneno subtil do amoralismo *fin de siècle*. Todos os mimetismos se aclimaram aqui. O francez, de Jean Lorrain, o italiano, de d'Annunzio, o ingtez de Oscar Wilde. O Brasil passou a ser considerado uma estação de recreio, excellente para divertir os ocios de todos aquelles desiltudidos precoces. Não faria mal a ninguem a ignorancia do nosso passado, o desamor ás nossas tradições seria até um paradoxo, pois, onde estariam as nossas tradições? Enquanto o Brasil produzisse café e borracha, enquanto se mantivesse firme o cambio para uma generosa conversão da moeda nacional em francos, libras e marcos, tudo iria ás maravilhas. Deveriamos economizar, aqui, para gastar em Pariz. O provisório estava na Patria, o definitivo no estrangeiro. A Patria era uma simples

expressão economica e geographica, um emprego, um ponto de referencia vago e distante. Das suas origens, dos seus varões, das glorias que elle conquistou e das provações que soffreu no curso da sua existencia politica e social, sobraria apenas o cabedal exiguo com que são feitos os manuaes das escolas primarias. A nossa historia poderia, talvez, resumir-se num pequeno capitulo pittoresco, onde a espada dos capitães-móres atrevidos refulgisse em companhia das pennas de araras e dos pesados tacapes dos tubajares e dos guaranys.

Tivestes, Senhor Elycio de Carvalho, a originalidade de acreditar em nós. Cedo vislumbrastes, por entre as sombras em que pretendiam envolver os brilhos do nosso passado, a riqueza do seu patrimonio. Soubestes ver que não eramos simplesmente um deposito de ouro e pedrarias, entregue á cupidez dos aventureiros de toda procedencia. Mostrastes, com infatigavel tenacidade e copiosa erudição, que o Brasil não foi o producto de caldeamentos bastardos, que não foi a escoria dos degradados, a ralé dos criminosos, os restos das penitenciarias de além-mar que operaram o prodigio de fundar, aqui, uma nacionalidade. Affirmastes que o Brasil nasceu do esforço sincero e persistente de uma aristocracia. Tu-

zestes reluzir ao sol dos nossos tropicos nos brazões, os escudos, os sinetes armilares da gente voluntariosa e nóbre que assentou os alicerces da nossa patria. Não considerastes os bandeirantes simples ambiciosos, levados pela miragem da pecunia, attentos somente aos gyros fabulosos da fortuna. Appreciastes nelles a energia latente de uma raça varonil. Não enxergastes nelles meros salteadores, escondidos nas lapas e nos boqueirões do sertão, promptos a trucidar o gentio incauto. Vistes nelles a primeira palpitação, o milagre inicial de um grande povo que surgia. Entre os da vossa geração, artistas requintados, pessimistas elegantes, scepticos ironistas, poetas decadentes, casquilhos petulantes, fostes um homem. Dominastes os impulsos da imaginação, corrigistes os desvarios do sentimento, ordenastes a vossa vida pela disciplina da logica e da razão.

Percebestes, num relance, que um escól desalentado, artificial e amorpho é uma grande ameaça para uma nação nova. Lançastes todas as reservas generosas do vosso espirito no combale aos seus erros e vicios dolorosos. Fostes, assim, um nacionalista, *a priori*. Não ignoreaes, Senhor Elysio de Carvalho, os cuidados com que devemos enfrentar esta palavra nos tempos correntes. Se por outras, muito mais

explicitas, os homens se matam, segundo o prudente aviso de Taine, figurae, agora, o perigo que estamos correndo na trilha especiosa desta. Vosso nacionalismo. Senhor Elysió de Carvalho, é discreto, cordeal, não exclue a polidez, o bom senso, as finas maneiras: aceita tudo quanto existe de bello sobre o mundo. Quando o respeitam, elle mostra o feitiço de todas as graças. Quando o aggridem, já nada mais de bello procura neste mundo, se não a defesa acirrada, cega, violenta de todos os preconceitos humanos que encerra o seu divino orgulho. Vosso nacionalismo é o nome moderno de um sentimento cheio de antiguidade. É apenas o patriotismo. Sei que as vossas preferencias são pelo velho nome de baptismo, por esse milagroso nome que inflammou o coração dos nossos heroes, desde os Guararapes até Riachuelo. Sois um patriota, Senhor Elysió de Carvalho. Amaes as nossas tradições, tendes feilo dellas o fundamento da vossa actividade intellectual. Fostes buscar os perfis obscuros dos nossos guerreiros na promiscuidade dos campos de balalha; revelastes a alma dos nossos diplomatas illuminada, no emaranhado das lutas politicas, pelo sentimento liberal da nossa raça; traçastes a phisionomia dos nossos aristocratas e senhores fidalgos com a carinhosa attenção de um mi-

niaturista exímio; fizestes reviver as justas, os jogos festivos, os torneios rumorosos, com que os Albuquerque, os Mello e os Cavalcanti costumavam distrahir uma sociedade já requintada, nos tempos alongados da nossa formação; escrevestes a chronica da familia brasileira com sabedoria e finura. Quereis a vossa patria respeitada, dentro das suas tradições. Sois um devotado defensor da nossa formosa lingua portugueza, da cultura grecolatina que está, mercê de Deus, no berço da nossa nacionalidade. Indicastes que, aos brasileiros, cabe apenas enriquecer, com as vozes virginaes da terra, com a multipla seducção das paysagens tropicaes, a herança recebida dos maiores.

Vosso patriotismo, como dos nossos avós, não conhece odios de raça. A patria, meus Senhores, quando se chama Brasil, é um grande lar. Nascemos hospitaleiros, francos e dadosos como a Natureza que nos rodeia. Somos os filhos verdadeiros da terra americana. Uma raça que, através os seculos, conseguiu fixar as linhas de uma nação como o Brasil, varando milhões de kilometros quadrados, vivendo isolada pelos costumes e pelo idioma, entre tantas de origem diversa da sua, uma raça como a brasileira, não pode conhecer o travor dos odios e das competições interna-

cionaes. Tenhamos fé na energia que o destino nos concedeu. Essa, Senhor Elycio de Carvalho, parece ter sido a inspiradora do vosso espirito. Vossa vida é uma obra de fé e entusiasmo. As esperanças que semeastes por todos os corações brasileiros são o vosso mais alto elogio. Sinto-me honrado com o ter feito.

RONALD DE CARVALHO.

DISCURSO  
DE  
ELYSIO DE CARVALHO



**Meus Senhores:**

Haveis de convir em que, após quasi um quarto de seculo de labor constante, representado por alguns livros sem brilho mas compostos sem azedume, é doce ao modesto escritor saber que o seu esforço não se perdeu totalmente e, quedando-se á margem da estrada do calvario que é a profissão das letras no Brasil, averiguar ainda que o seu ideal teve a força de seduzir outros espiritos, reuniudo-os em amavel companhia e dando-lhes o mesmo ar de familia. Não vindes do palacio de Cesar conferir-me o commando de uma legião, não me trazeis galardões ou recompensas por victorias que nunca conquistei, não me falaes em nome de nenhuma dessas parcialidades que são o segredo do prestigio de certas almas: vindes da casa da Amizade, braços abertos, coração alegre e sorriso encantador nos labios,

trazer-me, com o amplexo da solidariedade intellectual por não ter deshonrado a incumbencia de saudar a França heroica e augusta na pessoa de um dos seus mais formosos poetas, o attestado da minha fé, unica força que a natureza não me negou, na grandeza futura da nossa terra. Assim vós quebraes suavemente a minha vontade, pela gratidão, tirando-me o arbitrio da resistencia ao vosso proposito, com este acto espontaneo e sobremaneira generoso com que quizestes alentar as energias do mais obscuro dos vossos companheiros, que poudes sempre passar sem a admiracão mas nunca dispensou a amizade, que é o orvalho da vida. Fascina-me vosso gesto, mas verdade é que fico ao mesmo tempo maravilhado e confuso, sem que o animo justifique esta suprema honra.

A philosophia tão subtil do Sr. Ronald de Carvalho revelou que a *sympathia* litteraria não precisa para vingar de outro alimento além da generosidade. Dest'arte, na sua saudação, deu-nos elle o que o coração dos poetas reserva de melhor para o mundo, palavras que são um canto de alvorada e de esperança, e possuem ainda a musica subtil de um *desir* de Gongora ou de um *lay* á maneira de Johan de Duenyas. Sem notar que me compromettia, o joven poeta, que já é um mestre na idade

em que geralmente balbuciamos, attribue-me predicados que, longe de serem dons pessoas, os tomei á seiva punjante da geração em cujo seio surgi, perturbado pelo verdor da puericiã e exaltado por um anseio estonteante de uma finalidade que só agora, vencida tão longa caminhada, entre tantas hesitações e desillusões, tantas discordias vãs e audacias excusaveis, mal começa a desenhar-se ou fixar-se nos seus frageis contornos. Ao cabo, cada um de nós é a somma de sua geração, e aquillo que se nos afigura uma conquista individual nada mais é que o patrimonio commum do espirito da grei. Na minha obra, que é aliás expressão da minha vida, ha a mesma tendencia, a mesma aspiração, o mesmo sentimento que formou o substratum espiritual da pleiadê que surgiu literariamente em 1900. O que o instincto philosophico do Sr. Ronald de Carvalho descobriu no conjuncto indefinido das minhas aspirações estheticas ou sociaes, como constituindo uma característica original, foi este traço forte, mas tosco, que a ideologia da geração que elle representa tão brillantemente procura transformar em rythmo ou linha harmoniosa das suas creações. Na verdade, á semelhança da planta que procura no humus as substancias de que necessita para viver e crescer, é no sentimento da nacionalidade que tem

raizes a minha obra. Descendente da raça pernambucana, idealista e destemerosa, em que era tão profunda a idéa de pudonor nacional e prezava os seus braços de nobreza, exuberante de vitalidade e opulenta de seiva heroica. gente nascida para a vertigem dos combates e para a alegria dyonisiaca da vida, e filho da terra brasilica sobre todas mártir nas lutas peia liberdade, no espelho da patria é que vejo minha alma reflectida. Se vos eu dissesse que uma das raras fortunas da minha vida é a de ter muito em tempo adquirido a consciencia do destino inevitavel do meu pais, teria definido o segredo do que me fez gravitar para o vosso affecto. Tal crença, que é a minha luz e o esteio das minhas provações, ainda agora neste momento dramatizado pela guerra e envolto em densas trevas pelo destino, que não fez senão transferir o campo das batalhas, resulta um dom necessario, que se enflora, se exalta e immerge com força maior e tambem com maior inquietação para traduzir os valores historicos, sociaes e moraes da nossa raça e firmar os bastiões da nacionalidade. Ainda bem que ouvistes a eloquencia attica do Sr. Lionald de Carvalho reaffirmar este ideal de uma patria forte nas suas aspirações, providente nos seus meios de exercicio e generosa nos seus propositos, e se a cobristes de ap-

plausos é porque esta voz é o écho de uma profunda convicção que agita o país em todas as direcções, e por força da qual escaparemos da morte e, o que mais é, ficaremos eternamente jovens.

Com effeito, é este momento talvez o mais grave de toda a nossa existencia autonoma, tanto pela complexidade dos problemas cuja solução está posta, como principalmente porque o Brasil se acha no instante em que é preciso fixar-lhe definitivamente a orientação historica para regularmos a nossa vida sem perigo de vacillações no caminho. E' evidente que similhante directriz se fundará no pensamento capital que tem sido a nossa força e do qual decorrerão, como naturaes corollarios, os ideaes de que vamos viver. Com os olhos no passado, em tudo que temos de mais caracteristico em nossos proprios annaes, não ha perigo tal de que venhamos, como os povos que vão para a morte, a ficar como num *in-pace* a tiritar esmorecidos. Verifica-se hoje em todo o país um grande prurido de *nacionalismo*, isto é. de tornar profundo na alma dos brasileiros o amor á patria querida, e disciplinar a massa de população nacional no sentido de torná-la apta a fazer por si mesma, qualquer que seja a conjunctura, a affirmação de que o Brasil, para cada um dos seus filhos, é

o mais alto motivo de viver e de actuar. Não faltará quem opponha objecções a este conceito de patria e de sentimento nacional. Certo, poderão dizer-nos que o patriotismo não é uma virtude, mas um instinto: que não se crêa, nem educa, porque existe de natureza: que não é preciso, portanto, gera-lo ou fazelo mais intenso, mas disciplina-lo simplesmente. Nem assim se diminuirá a importancia do movimento que de norte a sul agita a alma nacional. O que é necessario, pois, repetimos, é saber que rumo se deve abrir e indicar ao sentimento dos brasileiros. Ha por ahi muita illusão de aspectos: muita phantasia de ideologos; muita ostentação de orgulho, que é menos orgulho que dislate ou fanfarricea; muito vigor desnorleado como ansia de caminheiro fóra da rota; muita arrogancia desmedida e falsa. Tudo isso é necessario combater a todo o transe, sob pena de nada alcançarmos de um emprehendimento que se esterilizará por si mesmo, porque ficará sendo puramente artificial!

Antes de tudo, portanto, devemos ver o que é preciso entender por verdadeiro *nacionalismo* no seu objectivo politico e social, e digamos logo que tudo, neste sentido, que nos não vier da nossa propria historia surgirá eivado de vicio mortal. E' ella, a nossa historia,

que nos ha de, como um pharol no roteiro do tempo, illuminar os horizontes e marcar o rumo do destino. E' bastante que sintamos o nosso passado, as nossas origens, o que tem de particular, de propriamente nosso a nossa vida, a nossa raça, a nossa indole. Somos descendentes de um povo de guerreiros, de santos, de heróes e de poetas. Não obstante a insistencia com que certa gente, esquecida de que nos calumnia e nos injuria, põe nas origens da sociedade brasileira o falso estigma de que ella se formou de criminosos, degredados e prostituas, a nossa ascendencia é nobre, preclara e illustre, e isto muito naturalmente porque procedemos directamente dos Lusitanos, povo que, além de ter creado coisas extraordinarias, como o *Lusiadas*, para só citar esta maravilha do espirito humano, possui nas veias consideravel porção de sangue da velha raça dominadora do mundo e cujo valor era moeda corrente em Roma e em Carthago. E' mercê desta filiação historica que somos hoje o Brasil, e, portanto, pudemos conservar unido, indissolúvel, coheso e forte, o grande imperio territorial que somos, e do qual havemos de fazer um dos maiores Estados politicos do mundo, cuja grandeza ha de assentar na unidade da lingua, da religião, das tradições, unidade que nada é capaz de desfazer, porque

para isso seria necessario destruir esses poderosos nexos moraes que são a alma, o principio, a força da nossa existencia mesma.

No entanto, si são essas as nossas origens, nem por isso se exclue o nosso caracter de povo: Portugal e Brasil têm destinos diversos e seguem hoje trajetorias muito differentes. O Brasil não é apenas uma descendencia portugêsa, mas uma nação nova saída da velha estirpe, e que representa na America a eclosão da espiritualidade latina sob novos céus. O nosso povo, como mostrou Graça Aranha, tem aqui este privilegio, esta funcção miraculosa de fundir num typo novo no scenario do mundo estas duas forças — a que vem do passado no sangue portugês com as suas grandes virtudes heroicas e a que recebe do meio physico em que se desenvolve esta transplantação da alma latina. Estas forças não se excluem, antes se compensam e se completam. Enquanto a fusão se realiza normalmente, e a impulsão do novo *habitat* se exerce sobre o sangue portugês, e á proporção que se apura esse admiravel *phenomeno* de renovação ethnica, a vida do novo typo, que é o *brasileiro*, vai num crescendo de energia e de valor encontrando-se com as opulencias da terra. "Sendo portugês, ouçamos Graça Aranha, numa pagina profunda de pensamento e

marcada com o accento das melodias eternas, o Brasil não deixará de ser uma nação americana. A originalidade do Brasil é ser o continuador de Portugal, o herdeiro da espiritualidade latina no mundo americano. O privilegio do Brasil é o de fundir duas forças: a que vem do passado no sangue português e a que recebe do ardente meio physico em que se desenvolve essa transplantação da alma latina. Essas duas forças não se excluem, e enquanto a sua fusão se realiza suavemente e a impulsão americana move sem violencia as idéas e a sensibilidade portugueza, uma vida ardente inflamma o immenso país. A terra brasileira eleva-se numa ascensão espiritual. Sente-se em cada pensamento a inspiração de um grande destino. A energia crêa a miragem, que por sua vez se torna o animador da vontade. O brasileiro vive o poema da aspiração. A sua alma illumina-se á idéa de que a patria deve ser forte e majestosa, como a natureza onde elle se fixou. Na equivalencia do mundo moral e do mundo physico, no esforço de adaptar a nação á natureza e de a edificar nas mesmas vastas dimensões desta, acha-se a cellula primordial de toda a idealidade brasileira. herdeira de Portugal. Concentram-se as energias nesse plano de uma grande nação. Para o realizar, todas as forças espirituaes se ap-

plicam na dominação do mundo material. Conquista-se de novo a terra. Uma força indomável leva as gentes da beira do mar aos sertões do interior. Nas florestas do Matto-Grosso, nas chapadas de Goyaz, nos rios do Amazonas, repete-se o cyclo dos descobrimentos." E' assim que o Brasil, no pensar do admiravel escritor, se tem de afirmar como o continuador do genio portuguez no mundo americano, dando á alma antiga mais enthusiasmo, mais vigor e mais agilidade, e á America mais clareza, mais intelligencia, mais belleza nas suas relações com o universo.

A grande illusão com que, na sua bôa fé, se enganam muito dos que ahí fazem propaganda de exclusivismo nacional, sempre absurdo e irritante, está em esquecerem que as patrias não se improvisam, senão que se fazem com sacrificios (como se os povos estivessem sempre nma função de culto), com sinceridade de consciencia, e sobretudo com veneração. Sendo o Brasil uma sobrevivencia do passado, e sobrevivencia da mesma raça em outro meio, não se comprehende como seja possivel inventar entre nós um nacionalismo sem o culto das tradições. E' preciso sentir ainda que uma grande nacionalidade nunca foi obra de uma só geração por maior que seja, mas producto de gerações successivas,

resultante de esforços continuados e de factores muito complexos, actuando através dos seculos. Demais, o Brasil não conta mais de quatrocentos annos de existencia, e póde já orgulhar-se de ter a sua historia feita dos lances mais edificativos. Os nossos antepassados, que aqui entraram como quem realiza um grande empreendimento, logo no dia seguinte tiveram de defender por si mesmos a terra contra intrusos e guarda-la contra a cobiça de estrangeiros. A nossa historia, desde a colonia, está cheia de exemplos de heroismo, de abnegação, de sacrificio, de grandeza moral como raramente se encontram entre outros povos, mesmo do continente europeu. Abi está pois a escola para a nossa mocidade! Que mais queremos do que as paginas da propria historia! São as nossas glorias, os nossos feitos, as nossas tradições que constituem precisamente a substancia do unico nacionalismo que é possível e que é legitimo gerar em nossa alma de povo. E' em tudo isso que havemos de fundar a nossa vida, e que o Brasil se ha de integrar na corrente latina, renovada no continente americano.

Um outro erro (e attribuido principalmente a alguns dos nossos poetas e romancistas) é esse de enaltecer o *indio* como sendo o typò nacional e o legitimo brasileiro.. Mas

*Brasileiro* não é o homem physico, e sim o individuo moral que se formou aqui *na sociedade historica*. *Brasileiro* não pôde ser nem o indio, nem o africano, nem o europeu: só pôde ser o *brasileiro*, isto é, o typo que saiu da fusão dessas raças. *Brasileiro*, portanto, é um fructo da civilização mediterranea que se estabeleceu e se desenvolveu neste lado da America. Teria, porventura, o indigena americano exercido, mais que as outras raças do nosso complexo ethnico, a sua influencia na civilização do Brasil? Pois, se nem o portuguez seria admissivel como typo, mesmo que lhe caiba muito mais de influxo na nossa cultura, quanto mais qualquer das duas raças subalternas! O mais que se poderia dizer é que ao *mameluco* já fica um logar distincto em nossa ethnologia, pois que o *mameluco* já é um typo de fusão, e que se tornou preponderante no caldeamento geral. Esse mesmo, no entanto, não se poderia arrogar a qualidade de unico legitimo *brasileiro*, porque o typo nacional está ainda em formação, e nem ha como negar que os elementos europeus terão de preponderar nesse typo, visto como, enquanto as duas raças — amarela e negra — se reduzem sempre, a branca augmenta progressivamente. Seja como fôr, os typos actuaes são ainda transitórios. Isto quer dizer que *mamelucos*, *pardos*,

*mulatos e brancos* — que sejam, o que é preciso é ser *brasileiro*, e brasileiro só se é de espirito, de sentimento, de caracter. Quem mais brasileiro do que o jesuita portuguez ou espanhol que amou esta terra com enthusiasmo e a ella dedicou todos os cuidados da sua vida? Quem mais brasileiro que o transmontano ou o alfacinha que levou a sua paixão da terra até o sacrificio de defende-la com a propria vida? Quem mais brasileiro que aquelle florentino que legou a nobreza de seu sangue e o esplendor do seu nome á familia pernambucana? Além disto, como muito justamente notou Nabuco, a vida brasileira nunca foi a existencia errante dos nossos indigenas, raça que não é a nossa, e a sociedade brasileira é aquella que substituiu no goso deste país os seus habitantes primitivos. “A vida do Brasil começou em 1500, antes existiu o seu solo, mas com outro nome e povoado com outra raça. O dominio dessa desapareceu, barbaramente perseguido é certo, e refugiou-se no interior ainda virgem do país. Nada ficou sobre o solo attestando a antiga existencia das tribus primitivas; nenhuma forma de sociedade estavel havia entre ellas, enquanto no Perú os incas tinham o seu throno firmado no coração de uma raça, cujos monumentos e construcções maravillharam os conquistadores”. Affirma ainda elle que per-

tencemos á America pelo sedimento novo e fluctuante do nosso espirito, e á Europa, por suas camadas estratificadas, de modo que, desde que houve um raio de cultura, começou o predominio destas sobre aquelle: da primeira missa celebrada no Brasil a hoje assim tem sido. Ainda cabe aqui lembrar a justa observação de H. S. Chamberlain, autor da celebre obra *Genese do Seculo XIX*, que attribue á influencia do elemento portuguez não ser o Brasil um chaos ethnico, como occorre, por exemplo, com certos povos sul-americanos que se formaram da mistura illegitima de raças inassociaveis, originando esse cruzamento de indios e espanhóes, indios e negros, espanhóes e negros, uma promiscuidade que se traduz pela decomposicão moral, e da impossivel união entre culturas ou estados de desenvolvimento mental differentes na fórma e na essencia.

É preciso, pois, advertir principalmente á nossa mocidade que esse falso nacionalismo, cuja expressão se limita a um odio fanatico ao portuguez, ou a qualquer estrangeiro, é uma superfeccação absurda em nossa alma de povo, um sentimento estúpido de nescios e energumenos, e mais do que um erro, um contrasenso. "O symbolo do nosso ideal," escreveu Alberto Torres, deve traduzir o parallelismo en-

tre a vastidão do nosso territorio e a vastidão da nossa hospitalidade, entre a ambição que temos, como homens, e a ambição que respeitamos, nos outros homens; a consciencia dos direitos dos nossos semelhantes, como medida dos nossos direitos; a aspiração de receber, em troca do asylo que damos, e do coração que abrimos, a todos os forasteiros, a mão estendida para as permutas leaes, sentindo a pulsação do mesmo sentimento que mostramos nas linhas dos nossos sorrisos e dos nossos gestos” O mesmo pensador que nos dá tão esclarecidos conselhos, tratando enlão dos portuguezes, que, como sabeis, é o povo quasi exclusivamente visado pelo odio nativista, affirmou que “a ascendencia portugueza é uma honra para o Brasil” verdade que me orgulho de aqui proclamar em tom forte. “Nenhuma raça, escreve Alberto Torres, deu jámais melhores provas de energia, de intelligencia e de coragem nos mais arrojados empreendimentos: poucas se lhe avantajaram na cultura e na producção litteraria, e muito raras possuem, ainda hoje, povo mais sabio, mais trabalhador, mais honesto, de mais candida alma e sensibilidade moral mais delicada” Este nacionalismo, que presuppõe um forte movimento de restauração conservadora e reorganizadora nos seus objectivos, é o mesmo de Ruy Barbo-

sa, que, em termos claros e inilludíveis. condemnou este movimento de perturbação organica que pretendem mascarar com o rotulo de acção nacional, quando proclamou nas suas *Cartas da Inglaterra*: "Nunca decaiu tanto entre nós o sentimento de nacionalidade, entretanto que se procura desenvolver furiosamente esse nacionalismo, cujo expressão é o odio ao estrangeiro, sentimento estúpido de povos impotentes". Tambem é o nacionalismo de Oliveira Lima, cujo senso historico repelle essa excrescencia de desmiolados que, no seu odio quasi irracional ao portugûês, vão até a glorificar Calabar, um mestiço infiel á patria, que nos entregou á fereza e á cobiça do inimigo, pelo que "muito justamente expiou no patibulo os seus previos furtos e a sua felonía vergonhosa" enquanto pretendem sejam restituídos á nações que sempre nos detestaram trophéos conquistados pelo sangue, pelo sacrificio e pela abnegação dos nossos patricios. Tambem é o nacionalismo de Nabuco, quando pergunta: "Não foi o Brasil descoberto, colonisado, povado por portuguezes? Não foi uma colonia portugueza durante tres seculos, que se manteve portugueza pela força das suas armas, combatendo a Hollanda, até que, vela lei da desagregação dos Estados, e pela formação de uma consciencia brasileira e

americana no seu seio, assumiu naturalmente a sua independencia, e coroou como seu Imperador o proprio herdeiro da monarchia? Depois, apezar dos preconceitos hoje extinctos, não tem sido o Brasil a segunda patria dos portuguezes? Não vivem elles connosco em tal communhão de bens e entrelaçamento de familia, que se tornaria a separação dos interesses quasi impossivel? Não é a lingua portugueza a que fallam 25 milhões de brasileiros". Afinal, o verdadeiro nacionalismo é aquelle que, "sem desquerer ao estrangeiro, que nos estende a sua mão experimentada — se harmonize, no dizer de Euclýdes da Cunha, com os maximos resguardos pela conservação dos attributos essenciaes da nossa raça, e dos traços definidores da nossa *gens* complexa, tão vacillantes ou rarescentes na instabilidade de uma formação ethnologica não ultimada e longa." E' assim que devemos construir uma verdadeira politica nacionalista digna de americanos, isto é, uma politica que, reagindo contra as falsas, retrogradas e estreitas noções do *jacobinismo*, tenha a perfeita visão sociologica da REALIDADE BRASILEIRA, que é um composto de problemas economicos, politicos e moraes com aspectos originaes nossos, exigindo soluções novas, e mediante processos que não podem ser mais os antigos. Alimentado com a flam-

ma do nosso legitimo patriotismo, em que a actividade, a fé, o pensamento e o heroismo culminavam desde antes da Independencia, esse programma nacionalista ha de vincular, na sua realidade formosa e palpitante, -em estultos assomos jacobinos, o culto dos nossos antepassados á energia dos contemporaneos e, portanto, servir, fortalecer e guardar, cada vez mais intensa e mais viva, esta permanencia historica e sagrada, esta consciencia serena e imprescriptivel que faz do antigo e do Brasil dos nossos dias um só pais. E só assim se ha de manter a unidade moral da mesma familia a que pertencem heróes como Mathias de Albuquerque, Barbalho, Vidal de Negreiros, Osorio, Caxias, estadistas como José Bonifacio, Feijó, Olinda, Cotegipe, Rio Branco, Torres Homem, jurisconsultos como Teixeira de Freitas, Lafayette, Pedro Lessa, sabios como Alexandre Ferreira, Velloso, Varnhagen, Joaquim Gaetano, Euclýdes, Oswaldo Cruz, poetas como Durão, Varella, Gonçalves Dias, Bilac, Raimundo, — todos soldados e operarios — que devemos ser todos nós — na existencia geographica e na communhão espirital da mesma patria.

O que convem ainda não esquecer é que nos cumpre evitar o ridiculo e o perigo de gerar no seio da mocidade um sentimento de

*egoismo nacional* que venha a tornar-se hostil a todo o mundo que não fôr a terra brasileira. Isso daria aos que vissem de longe, a impressão de que estamos crescendo para ficar de garras abertas, a espreitar em torno de nós, suspeitosos de duendes, alarmados de sombras... Nós não viemos para rugas ou contendas de creanças, senão para pleitos dignos de nações. Criar na alma do povo essa prevenção continua contra outros povos — importaria em isolar-nos do mundo. Qual é a sociedade politica que se póde hoje abastar a si mesma, e prescindir do convívio com outras sociedades humanas. “Até a patria, diz Nabuco, é um sentimento que se alarga, abate as muralhas que o isolavam, e se torna cada vez mais, como se tornou a familia entre os homens e ha de tornar-se a religião entre as igrejas. um instrumento de paz. de conciliação e de enlaçamento entre os povos” Afinal, nós já saímos da adolescencia, e, principalmente, não somos mais um simples elemento parasitario da cultura européa, porque nos tornamos tambem, por nossa vez, um activo productor de civilização, concorrendo pelo nosso esforço nas sciencias, nas letras, nas artes, na politica, na economia para o progresso e a opulencia do grande patrimonio da familia humana. E, então, como havíamos de ficar esquerdos.

vesgos. arripiados de insonia e de estulticia. diante do mundo, quando já ao mundo nos incorporamos de corpo e alma?

Agradeço-vos, pois, meus confrades e amigos, esta prova da minha inquebrantável fé nacionalista que se manifesta pela voz do poeta laureado, esplendor da sua geração e orgulho da nossa raça, o qual, com luminosa bondade, metamorphoseou a razão crítica em louvor não merecido. Antes de despedir-me de tão illustre companhia, permiti, senhores, com flagrante abuso de vossa generosidade, vos lembre que neste instante, em que o nacionalismo brasileiro se exalta impreciso, confuso, desordenado e até incoherente às vezes, necessitamos estar vigilantes contra tudo que vier enfraquecer o espirito territorial, que se enraizou sociologicamente numa historia de mais de tres seculos, deslustrar as nossas origens ethnicas, porque é preciso não se desintegre o Brasil do cosmos latino, e desbaratar o nosso patrimonio moral, formado de todos as conquistas do direito romano e da fraternidade christã, e, portanto, consagrar todas as nossas energias á defesa dos fundamentos historicos, politicos e estheticos da nacionalidade. Só desenvolvendo o nosso em organico de accôrdo com as leis do determinismo sociogeographico e em harmonia com as qualidades primaciaes

do genio racial. poderemos aspirar a fôrtauna de um povo digno da terra maravilhosa em que vivemos. De mim, direi que me sinto cada vez mais feliz em ser brasileiro e que um dos mais fortes motivos do meu orgulho é esta constancia, sem vacillações e sem alardes. que puz na defesa das tradições desta patria que o passado nos legou com o sacrificio dos seus herócs. o pensamento dos seus genios e o esplendor vibrante das suas glorias. e cujo maior encanto estaria em ser uma nação americana, possuindo, com os attributos originaes. todas as claridades mentaes da latinidade.

ELYSIO DE CARVALHO.



HOMENAGEM  
A  
ELYSIO DE CARVALHO



Revestiu-se da maior significação social, tendo constituído uma festa de alto encanto, a que a intelligencia e a grande expressão de cultura imprimiram desusado brilho, o banquete que um grupo de homens de letras offereceu ao Sr. Elyzio de Carvalho, que, dias antes, havia tão eloquentemente e tão fielmente traduzido os sentimentos da intellectualidade brasileira em relação á cultura francêsa, no discurso de saudação a Paul Fort, príncipe dos poetas francêses.

A homenagem realizou-se no dia 13 do corrente, no "Restaurant Assyrio", que para isso fôra artisticamente ornamentado, tendo nella tomado parte figuras das de maior representação no nosso mundo litterario, social, politico e diplomatico. Além da commissão promotora do banquete, composta dos Srs. Ronald de Carvalho, Gustavo Barroso, Jorge Jobim, Renato Almeida, Alvaro Mo-reyra e Theophilo Albuquerque, sentaram-se a mesa, em forma de I, os Srs. Embaixador da França, Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira; General Gamelin, Rodrigo Octavio, da Academia Brasileira; Deputado Oscar Soares, Jan Havlasa, Ministro da Tcheco-Slovaquia; Hermann Gade, Ministro da Noruega; Coronel Tolmos, Ministro do Perú; Maznskievicz, Encarregado dos Negocios da Polonia; João de Lèbre e Lima, Secretario da Embaixada de Portugal; C. Reychnan, Secretario da Legação da Polonia; Carlos Malheiro Dias, Celso Vieira, José Mariano Filho, Themistocles Graça Aranha, E. Grandmasson, Carlos Vasconcellos, Paulo Hasslocher, A. Fessy-Moyse, Rodrigo Octavio Filho, Felipe de Oliveira, Octavio Rodrigues, Laudelino Freire, Homero Prates. Capitão Genserico de Vasconcellos, Mario Simon-

sen, Carlos Magalhães, Deodato Maia, Horacio Cartier, Victor Marks, Pierre Barrene, Emile Izard, Pio de Carvalho Azevedo, Correia Dias, Rubem de Barcellos, Paulo da Silveira, A. Carneiro Leão, A. Brigole, Aureliano Machado, Roberto Gomez, José Alberto da Silva, A. de Castro Moura, Thomás de Lima, Arnaldo Pinto Monteiro, Pedro Leite Bastos, S. Ramalho Ortigão, Oswaldo Orico. Luis de Almeida Braga, Affonso Lopes de Almeida e representantes do *O Paiz*, *Gazeta de Noticias*, *O Dia*, *A Patria*, *O Jornal*, *O Imparcial*, *Jornal do Brasil* e *Rio-Jornal*.

Falaram, offerecendo o banquete, o illustre escriptor Sr. Ronald de Carvalho, que, em notavel discurso, estudou a feição intellectual do homenageado e assignalou na sua obra literaria o devoroso culto ás tradições nacionaes, e o Sr. Elyσιο de Carvalho, que, depois de agradecer a homenagem que se lhe prestava, tratou dos fundamentos historicos, ethnicos e estheticos da nossa nacionalidade e enalteceu as nossas origens raciaes, produzindo uma oração que foi frequentemente interrompida de applausos.

Tomou em seguida a palavra o Sr. Gustavo Barroso, que leu o seguinte telegramma, dirigido de Paris, pelo grande escriptor Sr. Graça Aranha, a comissão promotora da homenagem:

"Meu affectuoso pensamento com Elyσιο de Carvalho, brilhante paladino da cultura brasileira, que pela cultura francêsa se communica com o universo intelligente"

Ainda, pelo mesmo escriptor foram lidas cartas e telegrammas de escusa pelo não comparecimento ao banquete dos Srs. Aloysio de Castro, Raymond de Burlet, Senador Irineu Machado, Senador Alvaro de Carvalho, Deputado Metello Junior, Deputado Graccho Cardoso, Capitão Jaguaribe de Mattos, G. Coatalem, Maurice Créqui, Consul da França, Herbert Moses, Carlos Pontes, Carlos Rubens, Olegario Marianno, Machado Dias, Costa Macedo e Nogueira da Silva.

(*Monitor Mercantil*, 20 de Agosto de 1920).









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).